



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

A LEITURA PARA CRIANÇAS BEM PEQUENAS: REFLEXÕES SOBRE AS MEDIAÇÕES DE LEITURA EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Jaqueline Welter¹
Edson Carpes Camargo²

RESUMO

Este estudo aborda como temática central as reflexões sobre as mediações de leitura para as crianças bem pequenas. As práticas de leitura proporcionam um vasto caminho de experiências, possibilidades e conhecimentos. Contudo, observa-se que o primeiro contato com os livros e a leitura partem, muitas vezes, da escola. Dessa forma, professores e professoras assumem um papel fundamental como mediadores de leitura. Assim, cabe ao mediador ter um olhar atento, refletir e planejar as práticas pedagógicas. Ainda, precisa observar as formas de ler, as variações de voz, postura e as gesticulações. Neste cenário, pretende-se verificar como a mediação de leitura está contemplada nas práticas pedagógicas realizadas com crianças bem pequenas. À vista disso, o objetivo geral desta pesquisa é analisar como ocorre a mediação de leitura em turmas de crianças bem pequenas com idade entre 2 e 3 anos, de uma Escola Municipal de Educação Infantil de um município da região do Vale do Caí. O percurso metodológico teve como principal instrumento uma coleta de dados realizada através de uma entrevista semi-estruturada aplicada com três professoras regentes de turmas. As contribuições teóricas estão pautadas em Sarmento (1997), Lajolo e Zilberman (2007), Abramovich (1997), Cardoso (2014), Galvão (2016), Hampel (2016), Queiroz (2016) e Reyes (2010; 2014). Para a análise dos dados, foram utilizados os estudos de Bardin sobre a análise de conteúdo. As respostas obtidas por meio da entrevista semi-estruturada apontam o reconhecimento das professoras sobre a importância da contação de histórias e do mediador, apesar da mediação de leitura ocupar ainda um papel utilitarista nas práticas pedagógicas das mesmas.

Palavras-chaves: Práticas pedagógicas; Leitura; Crianças; Educação Infantil; Mediação literária.

INTRODUÇÃO

Minha jornada na Educação Infantil iniciou no ano de 2018, quando assumi um contrato temporário como monitora, em uma escola municipal localizada no Vale do Caí, região do Rio Grande do Sul. Após oito meses de contrato, fui nomeada no

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves. E-mail: jaquewelter16@gmail.com.

² Professor Orientador, Doutor em Educação e Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves. E-mail: edson.camargo@bento.ifrs.edu.br.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

2

concurso público do município e, desde então, a experiência como monitora na Educação Infantil contribuiu para o crescimento da minha admiração pela educação e pela profissão docente.

No mesmo ano, ingressei no curso de Licenciatura em Pedagogia, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Bento Gonçalves. Nesse sentido, o IFRS, desde aquela época, vem fazendo parte do processo de construção do meu ser docente. No qual, passei a acreditar que a mudança na sociedade começa pela educação.

Atualmente, sou monitora de uma turma de bebês (6 meses a 1 ano e 5 meses de idade). No decorrer do percurso formativo, a educação infantil, como já mencionado, é a etapa que mais me encantou no campo da pesquisa. Além disso, o contato com a Literatura Infantil e Juvenil, durante a graduação, me fez refletir sobre a leitura na educação infantil, especialmente para crianças bem pequenas. Assim, analisando as turmas que trabalho e as que já trabalhei; pude perceber que o primeiro contato com livros ou com mediações de leitura, muitas vezes, ocorre no espaço da escola. Diante disso, várias inquietações vieram à tona; dentre elas, destaco as seguintes: Qual a importância da leitura na Educação Infantil? Como os professores realizam as mediações de leitura para crianças bem pequenas?

Esses foram alguns, entre tantos outros questionamentos, que motivaram e instigaram a realização deste estudo, buscando superar a noção do senso comum de que as crianças bem pequenas não estão envolvidas com o ato pedagógico intencional. As crianças são sujeitos potentes, ativos e que produzem cultura e por isso, torna-se indispensável o fazer docente intencional, planejado com propostas que contemplem as crianças bem pequenas nas práticas pedagógicas.

Sendo assim, essa pesquisa tem como principal objetivo analisar como ocorre a mediação de leitura em turmas de crianças bem pequenas com idade entre 2 e 3 anos, de uma Escola Municipal de Educação Infantil de um município da região do Vale do Caí. Além disso, problematizar como a mediação de leitura está contemplada nas práticas pedagógicas realizadas com crianças bem pequenas de 2 a 3 anos? Entendendo aqui, que a mediação de leitura envolve não apenas a leitura



do livro pela professora, mas um momento de proporcionar experiências prazerosas, despertando o interesse e o olhar das crianças.

Assim, esse estudo foi elaborado a partir de uma pesquisa bibliográfica. Na qual, durante as leituras, percebi a relevância de conhecer a construção da infância como categoria social e a valorização da criança como sujeito de direitos. Nesse sentido, tendo o entendimento que a leitura para a criança, desde cedo, influencia no seu desenvolvimento e na construção de aprendizagem. Com base nos estudos de mediação de leitura, percebi o quão esse tema ainda se encontra escasso nas pesquisas sobre ações pedagógicas, principalmente no âmbito da mediação de leitura para turmas de crianças bem pequenas: fato que tornou-se mais um motivador para que eu realizasse esta pesquisa.

A organização do percurso realizado durante a elaboração deste estudo está organizada em cinco seções. Na primeira, abordo a criança como sujeito sócio-histórico-cultural, trazendo para o debate as contribuições de Sarmiento (1997) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Na segunda, trago questões sobre a mediação de leitura, a partir das autoras Lajolo e Zilberman (2007), Cardoso (2014), Reyes (2010; 2014), Hampel (2016), Queiroz (2016), Galvão (2016) e Abramovich (1997). Na terceira seção, apresento o percurso metodológico apoiado em Martins e Bógus (2004), Gil (2002) e Bardin (2016). Posteriormente, realizo a análise de dados, dividindo a seção em três categorias, conforme os dados produzidos com as professoras pesquisadas; sendo eles: Leitura e construção social das crianças bem pequenas; As práticas de mediação de leitura com crianças bem pequenas; Materiais e materialidades na mediação de leitura. Por fim, na última seção, apresento as considerações finais do estudo.

1 A CRIANÇA COMO SUJEITO SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL

Crianças são sujeitos que sempre existiram, mas nem sempre foram estudados e problematizados. O conceito de criança vem sendo estudado em várias perspectivas, como campos da medicina, da psicologia do desenvolvimento e da



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

4

pedagogia. No entanto, foi a partir da década de 1990 que ganhou destaque a relevância social da infância (SARMENTO, 1997).

[...] crianças existiram sempre, desde o primeiro ser humano, e a infância como construção social — a propósito da qual se construiu um conjunto de representações sociais e de crenças e para a qual se estruturaram dispositivos de socialização e controle que a instituíram como categoria social própria — existe desde os séculos XVII e XVIII]. (SARMENTO, 1997, p. 11)

Segundo Sarmento (1997, p. 15), “ser criança começa quando se nasce”, porém, qual “idade” define ser criança? Para algumas culturas, por exemplo, entrar na puberdade define o fim da infância e o início da idade adulta. No Brasil, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990, p. 13), “considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos”. Dessa forma, ser criança pode ser relativo, varia de acordo com culturas, contextos e sociedades. Além disso, modifica-se com o tempo histórico e com as definições de infância de cada época.

A infância não é uma experiência universal de qualquer duração fixa, mas é diferentemente construída, exprimindo as diferenças individuais relativas à inserção de gênero, classe, etnia e história. Distintas culturas, bem como as histórias individuais, constroem diferentes mundos da infância. (FRANKLIN, 1995, p. 7 *apud* SARMENTO, 1997, p. 17)

Em uma perspectiva histórica, as crianças eram vistas na sociedade como seres humanos em miniatura, ou seja, mini adultos. A partir desse pensamento, o direito da criança de se desenvolver com autonomia era negligenciado, visto que, visava apenas o direito de proteção, considerando a criança como um ser imaturo para viver na sociedade (SARMENTO, 1997).

À vista disso, é importante refletir sobre o conceito de infância, que, por muitos anos, foi menosprezado e pouco estudado. Contudo, segundo Sarmento (1997), a partir do estudo das culturas da infância, a criança começa a receber novos olhares, sendo considerada ser social, de direitos e que produz cultura. Dessa



forma, as culturas da infância começam a ser observadas, assim como, as condições sociais de cada criança.

Entretanto, para considerar a infância como categoria social, ultrapassa-se as definição de idade, que foram referidas acima, mas, entende-se que cada criança ocupa uma posição na sociedade, com base nas suas diferenças de classes sociais, etnias, culturas e gênero. Para Sarmiento (1997, p. 22), “todos estes aspectos são importantes na caracterização da posição social que cada criança ocupa”.

2 A MEDIAÇÃO DE LEITURA

A criança, ao ocupar uma posição social, passa a assumir um novo papel na sociedade, motivando o mercado capitalista a produzir objetos industrializados (brinquedos) e culturais (livros) destinados a elas. As primeiras obras para o público infantil apareceram no séc. XVIII e a propagação da literatura infantil começa na Inglaterra, um país de grande potência comercial (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007).

As primeiras escritas para crianças refletiam o modo pelo qual o adulto queria que as crianças enxergassem o mundo. Não necessariamente uma visão da realidade, mas um mundo idealizado e melhor. Já, a partir do séc. XIX, a literatura para crianças é pensada para agregar os pequenos leitores, dando preferência a histórias fantásticas, de aventuras e que apresentavam o cotidiano da criança (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007).

No que se refere a mediação de leitura, a autora Cardoso (2014, p. 211 *apud* HAMPEL, 2016, p. 22) salienta que “mediar significa estar entre duas coisas”. Portanto, a mediação de leitura consiste em uma ação que ocorre entre o sujeito e o objeto, no caso deste estudo, a criança e o livro.

A ação “estar entre”, assim, é compreendida como uma prática de leitura realizada por pessoas; em outras palavras, os “mediadores de leitura”, segundo Reyes (2014). As primeiras mediações de leitura podem ocorrer em casa ou no convívio familiar, com as mães, pais, irmãos, avós ou padrinhos, mas também na



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

6

escola, pelo professor. Dessa forma, o professor como mediador de leitura realiza um papel importante nessa ação, segundo Reyes:

Os mediadores de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que criam as condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem. A experiência de encontrar os livros certos nos momentos certos da vida, esses livros que nos fascinam e que nos vão transformando em leitores paulatinamente, não tem uma rota única nem uma metodologia específica; por isto os mediadores de leitura não são fáceis de definir. No entanto, basta lembrar como descobrimos, nos primeiros anos da vida, esses livros que deixaram rastros em nossa infância e, talvez, aparecerão nítidas algumas figuras que foram nossos mediadores de leitura: esses adultos íntimos que deram vida às páginas de um livro, essas vozes que liam para nós, essas mãos e estes rostos que nos apresentavam os mundos possíveis e as emoções dos livros (REYES, 2014, p. 213 *apud* HAMPEL 2016, p.23).

Ao criar situações entre os livros e as crianças, o professor está abrindo um caminho de possibilidades, experiências e conhecimentos. Infelizmente, muitas vezes esse contato ocorre apenas na escola. Em minha prática, tenho percebido que as crianças acabam tendo o primeiro contato com livros e momentos de leitura na escola. Seja por motivos culturais, pelo avanço das tecnologias, ou, possivelmente, condições econômicas das famílias, que, por vezes, não possuem condições econômicas para adquirir livros. Pensando nisso, acredito que o poder público poderia propor políticas públicas que permitissem o acesso das crianças bem pequenas aos livros, mas, também considero relevante que a escola assuma o papel de incentivadora, mostrando às famílias a importância da literatura.

Nesse sentido, incentivar a leitura para as crianças desde cedo é fundamental. Como Queiroz (2016) apresenta, à medida que a criança ouve ou lê uma história, ela vai entendendo sobre si e sobre o mundo que a cerca.

Se todos passamos pela infância e se está demonstrado que o que se constrói nesses anos implica qualidade de vida, oportunidades educativas e, por consequência, desenvolvimento individual e social de cada indivíduo, “oferecer leitura” às crianças menores pode contribuir para a construção de um mundo mais equitativo, propiciando a todos as mesmas oportunidades de acesso ao conhecimento e à expressividade desde o começo da vida (REYES, 2010, p. 16 *apud* GALVÃO, 2016, p. 40).



Para a criança, ouvir histórias vai muito além de só escutar: envolve aspectos cognitivos, emocionais e ainda, desperta seu universo de conhecimentos e significações. Ouvir histórias favorece a criatividade, imaginação, compreensão e os sentidos, além de ampliar os conhecimentos e também aprimorar as formas de expressão da criança (ABRAMOVICH, 1997).

Cabe ao professor, como mediador de leitura, refletir e planejar suas ações pedagógicas em situações de leitura. No entanto, o papel do professor não é apenas ler o livro ou contar a história? Não é algo tão simples? Segundo Abramovich (1997, p. 18), “Contar histórias é uma arte...”. E arte, não é algo simples. É um conjunto de estratégias que não podem ser realizadas de qualquer forma. Por isso, Hampel (2016) aborda a mediação de leitura realizada pelo professor como um aspecto essencial, que precisa de um olhar atento às formas de ler, as variações de voz, postura e as gesticulações, além da intencionalidade a partir da leitura e a organização dos espaços para a mediação.

Ainda, Abramovich (1997) menciona alguns cuidados que os professores precisam ter ao realizar situações de leitura, dentre eles: o despertar e envolvimento das crianças, o cuidado com o tempo da leitura para que elas possam desfrutar da imaginação. Além de criar espaços aconchegantes e possibilitar momentos para visualizar as imagens e manuseio dos livros.

3 O PERCURSO METODOLÓGICO DO ESTUDO

Como apresentado anteriormente, o nosso foco principal foi analisar como a mediação de leitura ocorre em turmas de crianças bem pequenas com idade entre 2 e 3 anos, de uma Escola Municipal de Educação Infantil. O percurso metodológico escolhido para a realização deste estudo foi a abordagem qualitativa. Para Bógus e Martins (2004, p. 48), abordagem qualitativa refere-se:

[...]a estudos de significados, significações, ressignificações, representações psíquicas, representações sociais, simbolizações, simbolismos, percepções, pontos de vista, perspectivas, vivências, experiências de vida, analogias.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

8

Considerando os objetivos, essa pesquisa foi classificada como exploratória, que tem como propósito proporcionar:

[...] maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. (GIL, 2002, p. 41)

No que tange ao percurso metodológico, decidimos por realizar um estudo de caso. Para Gil (2002, p.55), essa metodologia significa “proporcionar uma visão global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados”. E, como instrumento de coleta de dados, foi realizada uma entrevista semi-estruturada, entendida como:

[...] aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do entrevistado. (BÓGUS; MARTINS, 2004, p. 50)

Desta forma, o cenário de pesquisa foi uma escola de educação infantil da rede municipal de ensino, localizada na região do Vale do Caí. Sendo a maior escola de Educação Infantil do município. É formada por 12 turmas, 230 crianças, 14 professoras e 27 monitoras.

As participantes da entrevista semi-estruturada foram as professoras que atuam como regentes das turmas de 3 anos e que, segundo a BNCC, são crianças bem pequenas. Ao todo, foram entrevistadas 3 professoras, sendo elas dos turnos da manhã e da tarde. Acreditava-se que a coleta de dados sobre o tema enriqueceria o estudo mencionado e ofereceria novos subsídios para essa temática.

As professoras foram convidadas a participar da entrevista, que foi proposta no receptivo horário de trabalho, considerando os dias e os horários de planejamento das mesmas. A entrevista foi gravada, a fim de utilizar a gravação



para a transcrição das falas sem alterações³. Os dados foram degravados e após realizou-se a Análise de Conteúdo tomando como referência os estudos de Bardin:

A análise de conteúdo fornece informações suplementares ao leitor crítico de uma mensagem, seja este linguista, psicólogo, sociólogo, crítico literário, historiador, exegeta religioso ou leitor profano que deseja distanciar-se da sua leitura 'aderente', para saber mais sobre esse texto. (2016, p. 165)

As perguntas disparadoras da entrevista constam no quadro abaixo:

Quadro 1: Roteiro para a entrevista semi-estruturada

- 1) Qual a sua formação? E por que escolheu ser professora?
- 2) Há quanto tempo atua na educação infantil? Já atuou antes com crianças bem pequenas?
- 3) Para você, qual a relevância da leitura para as crianças bem pequenas?
- 4) As suas práticas pedagógicas envolvem a mediação de leitura com crianças bem pequenas? Caso afirmativo, como você faz o planejamento dessas práticas?
- 5) Quais materiais leva em consideração? Quais recursos e estratégias você utiliza para a mediação da leitura?
- 6) Você poderia definir qual é o papel do mediador de leitura durante uma prática com crianças bem pequenas?
- 7) Como você entende que a mediação de leitura se relaciona com o processo de desenvolvimento da criança?
- 8) Para finalizar, você gostaria de complementar algum aspecto importante que não tenha sido abordado?

Fonte: Elaborado pela pesquisadora e seu orientador

4 ANÁLISE DOS DADOS

A escola de educação infantil da rede municipal de ensino, localizada na região do Vale do Caí, conta com duas turmas de 3 anos. Participaram da entrevista

³ As pesquisadas assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).



semi-estruturada 3 professoras, sendo 1 professora regente na turma 3A, da manhã e 1 professora regente na turma 3B, no turno da tarde. A terceira professora atua nos dois turnos da escola, sendo assim, regente na turma 3B, no turno da manhã e como professora regente na turma 3A, no turno da tarde.

Inicialmente, apresentarei as três participantes da pesquisa, identificadas pela letra inicial do nome, mantendo assim, o sigilo de suas identidades. Em seguida, será disposta a análise de dados obtida na entrevista semi-estruturada, articulando-os com o referencial teórico.

A pesquisada M é formada em Licenciatura em Pedagogia, possui 16 anos de experiência com crianças bem pequenas. Sua experiência inicial foi como monitora e, após, escolheu ser professora, pois era um sonho desde a infância. O qual se fortaleceu após atuar como monitora. A professora C, é formada em Licenciatura em Pedagogia, conta 10 anos de experiência com crianças bem pequenas, dos quais alguns anos foram como assistente educacional e, posteriormente, como professora, após passar em um concurso para monitoria de educação infantil, assim, se identificou e resolveu cursar pedagogia. Já, a professora A, é formada no Magistério e em Licenciatura em Pedagogia, atua com crianças bem pequenas há 24 anos e escolheu ser professora, pois estava sem emprego e cursando Relações Públicas; então resolveu fazer o magistério e gostou, transferindo seu curso para Pedagogia.

Sendo assim, todas as professoras participantes possuem formação em Licenciatura em Pedagogia. Elas atuam na educação infantil em média há 16 anos e escolheram a educação por se identificarem com a área.

Tomando por referência as respostas obtidas na entrevista, organizei o material coletado em 3 categorias: Leitura e construção social das crianças bem pequenas; As práticas de mediação de leitura com crianças bem pequenas; Materiais e materialidades na mediação de leitura. As quais passo a apresentar agora.

4.1 LEITURA E CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS CRIANÇAS BEM PEQUENAS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

11

Ao serem questionadas sobre qual a relevância da leitura para crianças bem pequenas, as professoras sinalizaram o quão é importante a leitura, o manuseio e também as imagens dos livros desde cedo.

A professora M mencionou que “elas terem contato com os livros diariamente, porque faz com que elas vão criando gosto pela leitura, pela leitura de imagens. Criando os repertórios na visão delas, sabe? E faz com que elas prestem atenção.” (PROFESSORA M, 2023). Essa ideia também é apresentada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que propõe a leitura para crianças bem pequenas como uma experiência, que deve iniciar desde cedo e fazer parte do cotidiano escolar, favorecendo o gosto pela leitura, imaginação e a compreensão de mundo.

Podemos perceber que a leitura, “desde cedo”, está muito presente nas falas das professoras. A professora A (2023) enfatiza que vê “a importância disso desde os bebezinhos, do quanto é importante a leitura já na fase do balbúcio; e que eles possam ver também as imagens, não somente a leitura em si.”

Para Queiroz (2016), a leitura desde cedo é importante para a criança aprender e entender sobre si e sobre os outros que a cercam. A autora afirma, ainda, que “seu potencial de criatividade é desenvolvido, seus horizontes são ampliados e ela percebe melhor o mundo e a realidade que a cerca” (2016, p.19). Nesse sentido, a professora C (2023) mencionou que “a criança acaba conhecendo o mundo ao seu redor através da história”.

Dessa forma, é possível perceber que as educadoras entendem que a leitura deve fazer parte das experiências das crianças bem pequenas desde muito cedo. Assim, a leitura não deixa de assumir um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, pois, além de uma experiência que vai contribuindo para o gosto pela leitura, ela se torna um elemento de aprendizagem. A professora M relata que:

Através da leitura, da exploração de livros, enfim, elas vão desenvolvendo a atenção, a imaginação, preparando para a alfabetização, enfim, em todos os sentidos. Elas vão ter um conhecimento de mundo, sempre dizem que uma criança que lê e ouve histórias, tem a janelinha dela aberta para o mundo. (PROFESSORA M, 2023).



As crianças, conforme Queiroz (2016, p. 20), “devem crescer com a consciência e o conhecimento de que a leitura ‘abre as portas’ para o mundo, possibilitando que se tornem pessoas competentes, com sensibilidade e imaginação.” Ainda, a autora destaca que as crianças precisam estar diariamente em contato com a leitura, para que se torne um momento prazeroso. Dessa forma, a professora C (2023) reitera que a leitura “vai trabalhando essa criança desde cedo para que no futuro ela tenha um bom desenvolvimento, quando ela estiver lá no ensino fundamental ela se torna um ser pensante e crítico”.

É de entendimento das entrevistadas que a leitura é significativa para o desenvolvimento das crianças bem pequenas, potencializando a atenção, imaginação, criatividade, linguagem e concentração. Além disso, contribui com o processo de alfabetização. Para Abramovich (1997, p. 23), “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra)”.

No decorrer desta categoria, as entrevistadas mencionam “preparação para a alfabetização” e “vai trabalhando com a criança”. A partir desses pensamentos, aponto a minha inquietação sobre o assunto, visto que, a educação infantil não tem o objetivo de alfabetizar as crianças. E, saliento, ainda, que se tratando da criança como sujeito sócio-histórico-cultural, ela não irá se tornar um ser pensante e crítico só no futuro: ela já é uma criança pensante e crítica na etapa da Educação Infantil.

4.2 AS PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA COM CRIANÇAS BEM PEQUENAS

Além da importância da leitura no desenvolvimento das crianças bem pequenas, não podemos deixar de lado a intencionalidade pedagógica da mediação de leitura. Para Borella, “uma prática pedagógica intencionalmente planejada e organizada pode contribuir no processo de desenvolvimento da linguagem infantil.” (2016, p. 16 *apud* HAMPEL, 2016, p.27).

Ao abordar as práticas pedagógicas com as entrevistadas, a professora M



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

13

(2023) relatou que procura: “diferenciar isso, diariamente, mudando. Tipo, um dia é uma história contada, outra dramatizada, trazendo fantoches e sons. Sim. Eu uso todo dia histórias. Em cima de temas que eu quero abordar, sabe?” Essa organização também é apresentada pela professora C (2023), que diz “em cima do tema que eu tenho para a semana ou mensalmente, o meu ponto de partida sempre é uma história” e complementa: “se eu achar que tem necessidade, que não houve o entendimento das crianças, eu procuro buscar outra história que fale do mesmo tema.” (PROFESSORA C, 2023). A partir das falas das professoras, penso que seja necessário superar esse caráter utilitarista da literatura infantil, o qual parece ter a necessidade de vincular a literatura a algo que queremos abordar. Nesse sentido, questiono: E onde fica a leitura deleite? Ler pelo prazer?

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo). (ABRAMOVICH, 1997, p. 17)

Educadoras e educadores da educação infantil, ao planejar práticas pedagógicas de mediação de leitura, também precisam considerar a intencionalidade que essa experiência ou atividade presume, para uma aprendizagem mais significativa. Pensando nos materiais que serão utilizados, o tempo necessário, organização da turma e do espaço. Afinal, planejar a mediação de leitura é ir além de contar uma história.

Em contrapartida, a professora A ressalta:

Como eu trabalho hoje com crianças de três anos, eu procuro trabalhar a leitura não somente com o objetivo de trabalhar algum conteúdo em si, tipo a Páscoa ou as formas enfim etc e tal. A leitura como uma leitura deleite que a gente diz. (PROFESSORA A, 2023).

É evidente que os livros e a leitura de história estão presentes nas práticas das



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

14

entrevistadas. Contudo, a escolha e o conhecimento do livro também precisam estar presentes no planejamento; para assim, tornar a prática realmente significativa. Segundo Abramovich:

Claro que se pode contar qualquer história à criança: comprida, curta, de muito antigamente ou dos dias de hoje, contos de fadas, de fantasmas, realistas, lendas, histórias em forma de poesia ou de prosa... qualquer uma, desde que ela seja bem conhecida do contador, escolhida porque a ache particularmente bela ou boa, porque tenha uma boa trama, porque seja divertida ou inesperada ou porque de margem para alguma discussão que pretende que aconteça, ou porque acalme uma aflição... o critério de seleção é do narrador... e o que pode suceder depois depende do quanto ele conhece suas crianças, o momento que estão vivendo, os referenciais de que necessitam e do quanto saiba aproveitar o texto (enquanto texto e enquanto pretexto...). (ABRAMOVICH, 1997, p. 20)

Além de planejar as ações pedagógicas, os educadores assumem um papel fundamental como mediadores de leitura. Sem o mediador, não há ligação entre a criança e o livro. Para Reyes (*apud* LOPES, 2017, p. 48), essa ligação pode ser chamada de triângulo amoroso, ou seja, um encontro entre a criança, o livro e o adulto.

Sem esse mediador, que faz a ponte entre o livro e a criança, as páginas de um livro não são nada. Assim, na primeira infância, e também diria que durante todo o período infantil, ou talvez até mesmo mais tarde, a leitura é um trabalho de parceiros e o adulto é por excelência o texto da criança, porque empresta voz, rosto e abrigo para que ela possa se ler. (REYES *apud* LOPES, 2017, p.49)

A professora M menciona que “quando são crianças bem pequenas elas precisam ter aquela pessoa que faz a representação da história, que faz a entonação da história, a dramatização da história.” (PROFESSORA M, 2023). À vista disso, para as crianças bem pequenas, o mediador de leitura pode se tornar a própria história contada, ou seja, é ele quem vai refletir e reproduzi-lá. Para Reyes (*apud* LOPES, 2017, p. 49), “[...] a voz, a cara e o corpo do adulto são o cenário onde a história que a criança escuta, olha e sente, projeta-se e se atualiza. E



enquanto as palavras fluem, a criança sente a vida fluir nessas páginas, nessa voz que conta.”

Ouvir histórias é experienciar e, para Abramovich (1997, p.24), “um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução...O livro da criança que ainda não lê é a história contada.” Dessa forma, a professora A relata a importância do mediador de leitura:

Então o quanto é importante a gente poder falar o nome da história, o nome do autor pra criança mesmo que seja lá nos pequenos. Que é importante usar recursos, usar os materiais, usar uma mala velha, usar um chapéu colorido, usar coisas diferentes para que a criança se interesse por aquela história e que no fim ela possa contar ela do seu jeitinho também. Isso também é uma coisa interessante, poder fazer a recontagem da história. (PROFESSORA A, 2023).

Outro ponto a ser evidenciado é o envolvimento das crianças na história. Deixar as crianças manusearem o livro, olhar as imagens e recontar a história são falas destacadas pelas professoras. A professora C (2023) ressalta que sempre busca “incluir as crianças nas histórias, oportunizando a elas momentos de tocar no livro, manusear o livro, olhar os personagens e recontar a história.” O protagonismo das crianças, sendo assim, pode fazer parte das práticas pedagógicas significativas, pois acaba se tornando uma construção de conhecimento.

4.3 MATERIAIS E MATERIALIDADES NA MEDIAÇÃO DE LEITURA

Na mediação de leitura, isto é, na contação de história, os materiais e materialidades também assumem uma função significativa. As professoras, ao serem questionadas sobre os materiais e estratégias utilizadas para a mediação, destacam principalmente a importância da voz, da entonação e dos sons. Para Abramovich (1997, p. 18), a contação de histórias “equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro [...] Ela é o uso simples e harmônico da voz.”

A professora M (2023) ressaltou que procura sempre mudar o tom de voz



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

16

“porque eles gostam, se tu mudar a história e fazer a voz do lobo, por exemplo, com certeza isso vai cativar a atenção deles, né? E vai fazer com que a imaginação deles flua muito mais.” E, a professora A complementa: “Então muda o tom de voz, a entonação e isso também faz parte desse processo.” (PROFESSORA A, 2023).

A voz, de fato, é o instrumento mais importante na contação de história, e o professor como mediador precisa planejar e pensar nesse momento. Assim, fazendo com que seja uma experiência prazerosa e de encantamento para as crianças bem pequenas. Para isso, é proveitoso usar as possibilidades da voz:

[...] sussurrar quando a personagem fala baixinho ou está pensando em algo importantíssimo; é bom levantar a voz quando uma algazarra está acontecendo, ou falar de mansinho quando a ação é calma... Ah, é bom falar muito baixinho, de modo quase inaudível, nos momentos de reflexão ou de dúvida, e usar humoradamente as onomatopéias, os ruídos, os espantos... Ah, é fundamental dar longas pausas quando se introduz o “Então...”, para que haja tempo de cada um imaginar as muitas coisas que estão para acontecer em seguida... E é bom valorizar o momento em que o conflito está acontecendo e dar tempo, muito tempo, para que cada ouvinte o vivencie e tome a sua posição... (ABRAMOVICH, 1997, p. 21)

Nessa perspectiva, a voz do mediador de leitura pode ser vista como potencializadora da imaginação: aquela que possibilita compreender o mundo que nos cerca e conhecer o desconhecido. Para Reyes (*apud* LOPES, 2017, p. 50), “talvez seja isto simplesmente um mediador: a voz que conta, uma mão que inventa palácios e arquiteturas impossíveis; alguém que abre as portas proibidas e que traça caminhos e conexões entre livros e leitores.”

Sobre os materiais utilizados para a mediação de leitura, as professoras apontam diversos elementos, no que tange, principalmente, os lúdicos. A professora C (2023) relatou que utiliza “o livro, o varal literário, a luva e a lata literária, a caixa misteriosa onde eu coloco os personagens, a TV literária e fantoches”. A professora A também aponta que utiliza “materiais sonoros, materiais lúdicos e materiais sensoriais.” (PROFESSORA A, 2023).

Outra perspectiva trazida pelas professoras entrevistadas é a organização dos espaços. A professora M (2023) mencionou que procura “mudar os espaços, às



vezes levo eles para fora, ouvir uma história em um ambiente externo, embaixo de uma árvore no meio da natureza.” Da mesma forma, a professora A (2023) disse que “às vezes eu preparo o ambiente para uma história, outras vezes não” e complementa “em outro momento então eu levei um livro e sentei com eles embaixo de uma árvore para contar a história.”

Atualmente, a Base Nacional Comum Curricular é o documento legal. Mas, é necessário destacar aqui, que apesar dos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil não estarem mais em vigor, já se falava da importância da leitura. O RCNEI apontava a importância das práticas diárias de leitura e a relevância do professor de planejar os espaços de leitura:

A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta [...]. (BRASIL, 1998, p. 143)

A organização dos espaços, além de deixar o ambiente prazeroso e acolhedor para a criança, é um lugar que pode ser pensado e planejado para estimular a aprendizagem, a imaginação e a atenção. A fala da professora A (2023) vai ao encontro de tal pensamento, ao apontar que o momento da leitura deve ser “de poder parar, de poder escutar, de poder imaginar, de poder respirar.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa, foi possível direcionar um novo olhar sobre a mediação de leitura e sua influência sobre o desenvolvimento das crianças bem pequenas. Este estudo alcançou os objetivos propostos, uma vez que, ao entrevistar as professoras que atuam com crianças bem pequenas, foi possível problematizar de que modo a mediação de leitura se apresenta nos planejamentos e práticas pedagógicas. E, além disso, como ela é compreendida pelas professoras entrevistadas.

Apesar de estar nas falas das professoras entrevistadas, a mediação de



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

18

leitura ainda ocupa um papel utilitarista, sobretudo no que se refere a sua intencionalidade. As professoras reconhecem a importância da mediação de leitura para o desenvolvimento das crianças, assim como, a relevância do papel do mediador. No entanto, a mediação de leitura ou então, a contação de história, é planejada como um elemento introdutório de temáticas a serem abordadas em práticas pedagógicas semanais ou mensais.

Na entrevista realizada com as professoras, a última questão abordada foi a complementação de algo que não teria sido mencionado durante o diálogo. E coincidentemente, as três docentes apontam para a importância das famílias também ocuparem o papel de mediadores de leitura. Além disso, dissertam sobre o constante uso das tecnologias e a possibilidade de que elas estejam ocupando o lugar dos livros em muitos espaços. Nessa perspectiva, as entrevistadas sugeriram práticas que podem envolver os pais na contação de histórias, como, por exemplo, a sacola viajante. Ela é caracterizada a partir dos pais que fazem a leitura do livro e anotam como foi a experiência. Também, mencionam a realização de uma retirada de livros na biblioteca da escola com os pais, além do envio semanalmente ou mensalmente de livros para casa.

As famílias, certamente, podem exercer o papel de mediadores de leitura, visto que, incentivar a leitura desde cedo é de extrema importância para o desenvolvimento da criança. Todavia, é necessário ter um olhar atento para as próprias práticas pedagógicas do cotidiano: vários recursos são utilizados para a mediação de leitura, principalmente lúdicos, sonoros e sensoriais, porém a utilização das próprias obras (livros) como elementos são importantes para a mediação de leitura. Assim como os livros são recursos sugeridos para as famílias, é preciso que haja um cuidado para que, na prática, os mesmos estejam presentes no cotidiano da escola de educação infantil.

Para a mediação de leitura, muitos são os recursos que podem ser utilizados oriundos do ambiente. No entanto, é preciso considerar os próprios recursos de quem conta a história, como o tom de voz, as gesticulações e encenações. Ao conversar com as professoras durante as entrevistas, percebi que esses meios



aparecem nas práticas pedagógicas e que, além disso, existe certa preocupação em fazer com que eles encantem e cativem a atenção das crianças bem pequenas.

Durante as entrevistas, percebi que a temática deste estudo possibilitou um momento de reflexão, tanto para as entrevistadas, quanto para mim. Apesar da mediação de leitura estar presente no cotidiano das práticas pedagógicas, ela muitas vezes não é vista com tamanha importância.

Pensando nisso, vejo o quanto este estudo contribuiu de forma significativa para a minha formação em Pedagogia. Ele provocou um novo olhar sobre as práticas pedagógicas de mediação de leitura, que poderão contribuir futuramente na minha atuação docente. Além disso, a leitura na educação infantil me encantou ainda mais, motivando a continuação dos estudos sobre essa temática.

No que se refere a pesquisa para a formação de pedagogos e pedagogas, posso afirmar que a leitura é fundamental para a aquisição de conhecimento. Dessa forma, a mediação de leitura se torna um ponto de encontro para as crianças bem pequenas, possibilitando o envolvimento entre o livro e a criança. Espero que essa pesquisa contribua para que sejam realizados mais estudos significativos acerca da temática de mediação de leitura para crianças bem pequenas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto & Augusto Pinheiro. 3ª reimp. da 1ª ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998, volume: 3.



CARDOSO, Beatriz. **Mediação literária na Educação Infantil**. Glossário Ceale. UFMG, Minas Gerais, 2014. Disponível em: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/mediacao-literaria-na-educacao-infantil>>. Acesso em: 12 de outubro de 2022.

GALVÃO, Cristiene de Souza Leite. **Existe uma literatura para bebês?**. Belo Horizonte, 2016. Dissertação - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4 ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

HAMPEL, Leticia Carla dos Santos Melo. **Os bebês, a professora e os livros de literatura: reflexões sobre a mediação da leitura no Berçário**. Recife, 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, CE.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: Histórias & Histórias**. 6ª ed. São Paulo: editora Ática, 2007.

LOPES, Raquel; LIMA, Érica; FARIAS, Fabíola. **As crianças e os livros : reflexões sobre a leitura na primeira infância**. Belo Horizonte : Fundação Municipal de Cultura, 2017.

MARTINS, Maria C. F. N.; BÓGUS, Cláudia Maria. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. **Saúde e Sociedade**, v.13, n.3, p.44-57, set-dez 2004.

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel J. **As crianças: contextos e identidades**. Centro de Estudos da Criança/Universidade do Minho. Braga: Bezerra, 1997.

QUEIROZ, Natália Mattos. **O bebê e o livro: interações e literatura**. Rio Claro, 2016. 35 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância**. São Paulo: Global. 2010.

REYES, Yolanda. **Mediadores de leitura**. Glossário Ceale. UFMG, Minas Gerais, 2014. Disponível em: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/mediadores-de-leitura>>. Acesso em: 12 de outubro de 2022.